

Título ostensivo e de cunho realmente inédito.

Muitos poderão espantar-se com o seu atrevimento, tão hostil e desagradável aos nossos ouvidos arianistas.

Realmente, a República no Brasil foi, conforme rezam os tratados de história pátria, proclamada pela nata do Exército, de conúbio com o que de mais requintado havia entre os bacharéis. Noutros termos, isto quer dizer PELA RAÇA BRANCA, dominante, insuperável, eleita entre as eleitas. Como, então, se concebe que se avente a possibilidade de havermos tido mestiços no admirável acontecimento, precisamente numa época de acentuado preconceito racial contra os mesmos, mormente quando de sangue africano? Não, não é possível, porque o próprio Ruy Barbosa não se cansava de tecer hosanas ao seu glorioso passado peninsular, numa demonstração de inigualável lealdade e auto-conhecimento integral.

Mas, ainda que pareça incrível, não só os chefes republicanos eram, em sua maioria, mestiços, como também a maior parte dos presidentes o tem sido, como iremos ver, neste artigo. A base é histórica, genealógica, cultural e, acima de tudo, antropológica.

Com efeito, no Brasil, sempre descuidamos o estudo dos tipos e caracteres, simplesmente por uma questão de ignorância e orgulho desarrazoado. Ou, quando o fazemos, é para agir unilateralmente, como é o caso dos narcisistas afrobrasileiros, que chegam ao cúmulo de considerar, como negros, legítimos indianos, como Pedro Americo, Carlos Gomes, Osório e outros mais, no que, irrefutavelmente, são seguidos por homens ilustres, que, assim, contribuem para aprofundar a confusão.

Mas, o comum é a indiferença. Toda vez que apontamos um vulto histórico, imitamo-nos a um alicar de ombros, como se se tratara dum ponto pacífico em pro dos direitos eternos e indiscutíveis da raça branca. Tudo que há de melhor, portanto, não pode ser senão português ou europeu de origem. Se até os nomes arrezados servem para apurar a limpidez das ascendências!!!

Entretanto, um pouco que nos detenhemos na contemplação dos retratos ou no compulsar dos documentos e dados de ordem histórico-antropológica, e logo nos daremos conta de quão errado e condenável é o nosso modo de encarar a nossa formação como povo e como cultura.

Sem que saíamos do terreno da República, isto é, de seus chefes e presidentes ou figuras de relevo, podemos ilustrar o asserto com exemplos assaz convincentes.

Se não, vejamos. Iniciando a apreciação com os vultos que tiveram participação direta, embora não chegassem ao cargo de presidente, apontemos os caboclos ou maneirucos, isto é, de sangue indígena mesclado com o português: Benjamin Constant, Joaquim Murinho, Pereira Passos, Generoso Ponce, Demeirio Tibério, Assis Brasil, Quintino Bocaiuva e muitos outros. Muitos de destaque foram: Glicerio, Faurocinio, Bernardino de Campos e inúmeros mais.

Passando para a Presidência da República, vamos encontrar os caboclos: Floriano Peixoto, Campos Sales, Washington Luiz, Eurico Dutra e Café Filho, ao lado dos mulatos Deodoro da Fonseca, Rodrigues Alves, Afonso Pena e Nilo Peçanha. O atual primeiro magistrado da nação parece mais trazer as marcas étnicas do inau que do negro.

É claro que o assunto não pode ser abarcado na exiguidade de um simples artigo. Mas, não na pessoa, por mais ignorante e despidida de discernimento, que, ao olhar para uma dessas faces que enchem as obras didáticas, não se lembre, logo, de relacionar as feições com as de outra pessoa, sua conhecida.

Acontece, porém, que igualmente nos podemos valer dos dados e documentos biográficos, além do próprio temperamento, modo de vida, região e origem ou naturalidade, fatos, enfim, da própria história regional ou nacional.

Washington Luiz, por exemplo, sabemos que era de linhagem bandeirante. Bem assim, Campos Sales, cujos antepassados mais distantes vão confundir-se com João Ramalho e Tibiriçá. Dele já dizia Lúcio de Mendonça, nas "Caricaturas Instantâneas": "No físico, é, como o nosso título indica, um CAPIRÁ, do primitivo vigor e da ténpera da forte raça dos bandeirantes". Por outro lado, note-se a

MULATOS E CABLOCOS NA PRESIDÊNCIA — D A REPUBLICA —

grande semelhança de traços entre Washington Luiz e Pereira Passos, que se orgulhava da sua bisavo índia. Pois bem, os três eram autênticos tuxauas ou morubixabas, com respeitáveis cavanhaques e indefectível ar de sisudez.

No que se refere aos mulatos, cinjâmos a Deodoro.

Estudando-lhe a família, os traços fisionômicos de irmãos, pais e tios, verificamos que é comum neles o cabelo mais ou menos ulórtico ou, ao menos, frisado.

A esta altura, é justo e oportuno que digamos algumas palavras a respeito de Floriano Peixoto. De Sílvio Romero aos nossos dias, através de Alcindo Guanabara, José Maria Belo, Sílvio Peixoto e outros, para findar em Gilberto Freyre e nos antropólogos modernos, sempre o seu tipo foi considerado como de caboclo ou indiático. As afirmações ali estão nos livros para esclarecer o espírito dos mistificadores. Eis, porém, aparece Antonio Austregesio e sabiamente doutrina que tal não pode ser, porque o brasileiro pro-

vém apenas de duas raças: a branca e a negra. O mais é puro lirismo, produto da nossa sensibilidade doentia. É o mais interessante é que o sábio psiquiatra afro-brasileiro foi seguido, em sua infantil concepção da nossa formação étnica, por muitos luminares da nossa sacrificada ciência antropológica.

Em que se baseia o emérito e venerando cientista, é coisa que ninguém sabe, pois não apresenta documentos, fotografias, biografias ou qualquer elemento convincente de corroboração das suas narcisísticas idéias luso-congolesas.

Mas, isso é assunto para outro artigo.

Aíntas, a sua atitude bem se enquadra no chamado **complexo da senzala**, denunciado por Angyone Costa, ivão podendo destruir o branco, volta-se a ira melanica para o lado do caboclo, procurando excluir-o da nossa formação, como se no Brasil ninguém mais estudasse ou os fatos históricos estivessem tão ao sabor das nossas predileções culturais ou literárias.

Quando não é isso que acontece, como

disse, é a hipocrisia racial que nos assola. Hipocrisia racial, segundo Lipschuetz, e a tendência ao disfarce, encobrindo a origem racial. Faz-se de cima para baixo: o caboclo procura confundir-se com o branco, e o mulato, tanto quanto possível, se identifica com o caboclo, na hipotética origem ameríndia que escolheu. Pois, no Brasil, é assim. Os fatos e acontecimentos de transcendência costumam obedecer ou ser mostrados com semelhante deturpação, fonte, sem dúvida, de escárnio e de menosprezo, no âmbito científico internacional.

Já é tempo de acabarmos com essas mistificações ou meias-ciências de gabinete.

E agora, que tanto falam em revisar ou refundir a história do Brasil ou da civilização brasileira, não seria de bom alvitre que se perdesse, um pouco, esse etno-centrismo (em ambos os sentidos), atentando-se fazer um tanto mais de aplicação aos elementos sócio-antropológicos dignos de fé?

Atinal de contas, é dívida antiga para com as duas raças que tanto exploramos, oenegrimos e aviltamos, nesta longa e vergonhosa experiência dos trópicos.

Aliomar Caconde